

Arriba Zita! A “chimbica” que virou “cobra” e suas análises de conjuntura¹

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO²
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC - SC

Resumo

Este trabalho reflete análises de conjuntura de Zita de Andrade Lima, pioneira estudiosa do rádio brasileiro. Expõe artigo de minha autoria para o livro "Radialismo no Brasil: Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)", lançado neste Intercom 2015 em comemoração ao cinquentenário da estreia da radialista nos estudos acadêmicos. Focado em comunicações da pesquisadora em eventos nos anos 60 e início dos 70, evidencia como Zita compreendeu o rádio e o Brasil num tempo de marcas históricas determinantes tanto para o país como para o meio radiofônico. O Brasil vivia o regime militar e seu projeto desenvolvimentista. O rádio, além da ditadura, enfrentava também a concorrência da televisão. Frente ao mapa desigual da época, Zita defendeu o rádio regional e a expansão da quantidade de emissoras, inclusive aproveitando-se das políticas desenvolvimentistas.

Palavras-chave

Zita de Andrade Lima; História do Rádio; Radiojornalismo; Radialismo; Ditadura Militar

Apresentação

Para se traçar o itinerário de uma pesquisadora como Zita de Andrade Lima, pioneira como estudiosa do rádio no Brasil e que fez sua estreia na pesquisa acadêmica há 50 anos, é preciso igualmente evidenciar e entender seus olhares, suas compreensões acerca das conjunturas do seu tempo. No caso de Zita, faz-se necessário refletir especialmente panoramas que desenhou, diagnósticos e prognósticos que produziu e soluções que propôs para seu objeto de estudo, o rádio, e para sua terra, o Brasil. Isto, inclusive procurando verificar se, nas suas análises de conjuntura, percebeu e refletiu sobre o papel do rádio no país e em especial numa época tão conturbada como a que envolve as décadas de 60 e 70. Justamente períodos demarcadores também para a história de Zita, pois foi quando ela iniciou e consolidou sua trajetória de pesquisadora.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Dra. e pesquisadora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, jornalista (UFRGS), doutora em Comunicação (PUCRS), pós-doutora (EcoPós UFRJ), coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, do Expocom e da Rádio Ponto UFSC, diretora da FENAJ e SJSC, conselheira do FNPJ. Uma das líderes do GIRAFÁ - Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio.
<http://lattes.cnpq.br/5412229646355152> Email valzuculoto@hotmail.com

O artigo “Arriba Zita! A “chimbica” que virou “cobra” e suas análises de conjuntura” foi minha contribuição para o livro “Radialismo no Brasil: Cartografia do campo acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)”, com lançamento no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Intercom, para comemorar o cinquentenário da estreia da jornalista, radialista e estudiosa como pesquisadora acadêmica. Tem como objetivo dar conta dessas questões, brevemente e pelo menos em relação às suas reflexões conjunturais dos primeiros passos da carreira, na metade da década 60, e do começo da consolidação, no início dos anos 70.

Para tanto, elaborei o artigo com foco sobretudo em comunicações/exposições de Zita em dois eventos da área da comunicação e nas quais seu foco principal é contextualizar e debater o panorama do rádio brasileiro de 60 e 70, suas necessidades, seus potenciais e seus impactos na conjuntura do país daquela fase. Analisei os seguintes textos: “Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio econômico das nações”, apresentado por ela em 1965 ao “TV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva”, no Rio de Janeiro, numa promoção conjunta da ABI e CIESPAL, e “O Rádio no Brasil”, este exposto ao I Congresso Nacional de Comunicação, em 1971, também no Rio de Janeiro, promovido pela ABI – Associação Brasileira de Imprensa.

Amparada em estratégias de pesquisas históricas, afora estes textos indicados como demonstrativos das suas análises de conjuntura, ainda busquei fazer observações em outros de seus escritos de então. A finalidade foi obter pistas para acompanhar a construção da compreensão de Zita acerca da conjuntura do Brasil e seu rádio, principalmente do meio que, então, enfrentava o impacto de uma nova mídia – a televisão – e também a ditadura militar. Por isso, além dos dois textos indicados, trouxe para o artigo uma das “intervenções” de Zita no seu curso, como bolsista, no CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, organismo da UNESCO em Quito, Equador. A “intervenção” está no “Jornal de uma bolsista do CIESPAL”, o diário que a pesquisadora escreveu durante o período de quatro meses em que frequentou o curso, a partir de agosto de 1964, e já indica as análises de conjuntura sobre o rádio e o Brasil que ela aprofundaria nas comunicações refletidas nesse artigo.

Nas décadas de 60 e 70, vivendo o final da sua Era de Ouro, com sua morte decretada frente ao advento da televisão, o rádio também sofreu com o regime instaurado a partir do golpe de 64.

[...] o regime militar busca controle total sobre a imprensa e seus veículos. De norte a sul do Brasil, todas as vozes que representassem risco de dissonância, resistência, enfrentamento, precisavam ser silenciadas. [...] Neste silenciamento da mídia, dos seus profissionais, praticado não só por meio de censura como por diversas outras formas de repressão, o rádio brasileiro - tanto as emissoras do sistema privado quanto as não comerciais - foi um dos meios de comunicação mais impactados, pois embora já iniciando o ocaso da sua Época de Ouro, ainda era o mais popular e de maior abrangência. (ZUCULOTO; LONGO, 2014, p. 2-3)

Mas mesmo enfrentando esta conjuntura adversa, naquele período o rádio ainda era o meio de comunicação mais popular e de maior alcance de público bem como de abrangência geográfica, inclusive com possibilidade de ampliação destas características. O regime implementava políticas desenvolvimentista e de integração nacional, entre estas a expansão das comunicações. A radiodifusão, por estas suas características da época, encaixava-se nas apostas governamentais de desenvolvimentismo.

Nas suas análises de conjuntura nos textos observados, Zita traçou exatamente este panorama para o rádio e defendeu que se expandisse com base nas políticas de desenvolvimento. Além disso, sustentou que um rádio regional era o que o povo brasileiro precisava, especialmente as sofridas populações interioranas como a do seu Nordeste, carentes de comunicação, de informação, de conhecimento, de atendimento de necessidades econômicas, sociais e culturais. Para romper este isolamento também através do rádio, propôs cadeias regionais e destacou a exigência de o meio igualmente se modificar e se atualizar ao seu tempo, tanto na linguagem quanto nos seus modos de fazer. Mais ainda: para enfrentar a conjuntura adversa, Zita analisou que era preciso, da mesma forma, transformar o ensino de radiojornalismo.

A seguir, o artigo em que busquei refletir as análises de conjuntura de Maria José de Andrade Lima, a Zita, que se considerou “chimbica” ao iniciar sua carreira, mas apostou que poderia virar “cobra”. E virou!

O artigo: Arriba Zita! A “chimbica” que virou “cobra” e suas análises de conjuntura

O Brasil do tempo de Maria José de Andrade Lima, a Zita, em especial da época em que consolidou sua trajetória de pioneira dos estudos radiofônicos, foi um Brasil de tempos adversos, sombrios, tristes mesmo para seu povo e sua democracia, sob o tacão da ditadura

militar. Para o rádio em particular, constituiu um período inegavelmente marcado por duros golpes contra suas emissoras, radialistas e jornalistas, entre outros segmentos da sociedade brasileira. Já em termos de seu desenvolvimento e expansão no país, foi no mínimo contraditório. Ao mesmo tempo em que foi golpeado pela ditadura, o rádio também se beneficiou das políticas desenvolvimentistas implementadas pelos governos militares.

Décadas de 60 e 70, fase da ascensão e consolidação da Zita pioneira dos estudos de rádio no país, o Brasil sofria sob a ditadura militar, quando não somente o rádio, mas a mídia em geral e seus profissionais enfrentaram censura, perseguições, destruição de acervos, atentados contra as liberdades de imprensa e de expressão. Durante o regime ditatorial, jornalistas e radialistas também sofreram demissões, prisões arbitrárias, torturas e muitos foram assassinados.

Tempos em que o rádio, além do golpe de 64 e os chamados “anos de chumbo” da ditadura, confrontou-se com a televisão e precisou lutar para garantir permanência como meio de informação e comunicação. Por conta de sua decretada obsolescência diante desta então novidade midiática, igualmente encarou sentenças de morte. Mesmo assim, sobreviveu e inclusive, ao longo de toda aquela época, manteve-se como o meio de comunicação mais popular e de maior abrangência geográfica e alcance de público.

O ano de 1964 foi determinante na história do Brasil e também na história de Zita. Em 1º de abril daquele ano, o golpe contra a democracia brasileira jogou o país em 20 longos anos de ditadura. Quatro meses depois do mesmo ano, Zita também começou a viver um dos principais marcos da sua trajetória como pesquisadora. Em 21 de agosto de 1964 desembarcou em Quito, Equador, como uma bolsista do CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, organismo da UNESCO. De imediato começou a escrever um diário, publicado em 1966, na revista *Comunicações & Problemas*, como “Jornal de uma bolsista do CIESPAL”. Apenas três dias após chegar em Quito e iniciar o diário, em 23 de agosto de 1964, suas anotações evidenciam que ela própria imaginava o que estava por vir. Pressentia que ali começava a consolidar a trajetória de radiojornalista e pesquisadora que logo se destacaria nos estudos radiofônicos, até então marcados pela predominância masculina.

Já estou falando espanhol, e o que é mais importante: com um delicioso “acento brasileiro”...é o que dizem todos. Alguns hispanoamericanos estranham a minha pronúncia e perguntam se sou gringa. Está chovendo hoje, e o frio maltrata muito. Sinto medo do curso. Só dá “cobras” no

assunto. Eu sou “chimbica”, mas se aprender depressa, como aprendi espanhol, “arriba Zita”. (LIMA, 1966, p. 41)

Para contribuir com breves resgates e reflexões sobre como a “chimbica” compreendeu a conjuntura daquele tempo do Brasil e principalmente do meio rádio, recebi a indicação de me debruçar em especial sobre os seus seguintes textos: “Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio econômico das nações”, uma comunicação por ela apresentada, em 1965, ao “IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva”, promovido no Rio de Janeiro pela ABI e CIESPAL; e “O Rádio no Brasil”, este uma exposição ao I Congresso Nacional de Comunicação, em 1971, também no Rio de Janeiro, realizado pela ABI – Associação Brasileira de Imprensa.

Nestes dois textos é possível perceber o quanto Zita investigou e buscou entender o panorama e o potencial deste meio radiofônico naqueles tempos, acima de tudo para e na sua relação com as comunidades interioranas. Mais particularmente ainda, o que representava para regiões como o seu Nordeste, “onde a escassez dos veículos de comunicação priva as populações da informação. [...] onde os meios de comunicação, além de escassos, são utilizados de uma maneira que dificilmente atingirão os objetivos visados”. (LIMA,1965).

A análise da “chimbica”: miséria e falta de informação no Nordeste

Embora por estas duas comunicações se possa refletir, mesmo que brevemente, análises de conjuntura de Zita, é no Jornal de uma Bolsista do CIESPAL - por ela escrito ao modo de um diário durante o curso em Quito - que se pode encontrar os primeiros passos das principais reflexões que vão marcar sua trajetória profissional e de pesquisadora do rádio. No jornal/diário de bolsista, não são muitas as suas observações conjunturais acerca do Brasil. Zita anotou principalmente fatos ocorridos no seu cotidiano, alguns de seus pensamentos a respeito das ocorrências e atividades diárias ao longo dos dois meses de curso no Equador. Porém, quando anotava suas impressões sobre aulas e professores no CIESPAL, também transcrevia trechos de suas “intervenção” no curso e, assim, denotava que já tinha reflexões mais aprofundadas sobre o Brasil e sua radiodifusão.

No dia 1º de setembro, contou, por exemplo, que um temporal com trovões a deixavam com medo e sobre uma chuva de granizo. Chuva que, provavelmente, viu pela

primeira vez em Quito. “Faz poucos dias choveu umas bolinhas brancas”, descreveu. Entre outras anotações daquele dia de setembro, Zita ainda mencionou que a embaixada brasileira no Equador havia convidado para um coquetel em comemoração à nossa Independência, no dia 7.

Por fim, naquele relato, informou que havia feito uma “intervenção” em nome do Brasil. Respondendo qual considerava o “problema fundamental na estrutura agrária” do nosso país, começou afirmando que em qualquer busca de solução, encontra-se “una barrera casi intransponible: la ignorância, el analfabetismo de nuestros campesinos”.

A “intervenção” foi feita em espanhol e também assim transcrita no seu diário/jornal, onde alguns erros de grafia denunciam que, às vezes, recorria ao “portunhol”, misturando as duas línguas. Sua fala, pela transcrição, não foi longa, não remeteu diretamente ao papel do rádio como instrumento potencial para contribuir na mudança do cenário problemático por ela traçado. Porém, já deu pistas acerca das posições que, poucos anos mais tarde, defenderia nas suas exposições sobre o mapa desigual da expansão do rádio no Brasil e o quanto este panorama dificultava o desenvolvimento do próprio país e seu povo. E não apenas para as populações mais carentes. Zita defendia que também os segmentos mais abastados da estrutura agrária, como os latifundiários, precisavam de mais conhecimento, mais informação.

Todos los problemas serian ou seran resueltos cuando nuestras masas estuvieren alfabetizadas y politizadas. Porque encuanto continuar la ignorância de los campesinos, ellos no pueden, porque no lo saben, exigir suas derechos, em um mínimo de alimentación, habitación, vestuario, instrumentos y técnicas de trabajo. Enquanto esto, el latifundiário, el uzineiro, el hacendado tambien con pouquissima quiças ninguna cultura, cansando las tierras con la monocultura, estropeando la raza con la su-alimentación, contrayendo cada vez más dividas vai se encerrando en un circulo cada vez menor que terminará estrangulandole. Está aconteciendo na región de Brasil Nordeste, en donde vivo y la miseria de los pobres que emigran del *hinterland* para el litoral , huyndo de las sequías, corriendo de el hambre, muriendo por los caminos. Aquelos que conseguem llegar as ciudades litorales, sin ninguna habilidad van a ampliar el numero de inadaptados, de ladrones y doentes para los cuales no san bastantes los hospitales ni los cárceles. (LIMA, 1964, p. 43)

Sem explicitar que o Brasil vivia, naquela época, sob um regime ditatorial e sem citar diretamente os militares, na sua intervenção, entretanto, Zita não deixou de apontar uma causa muito mais séria, os maiores responsáveis por manter o povo brasileiro na

ignorância. Também usou o termo medo para analisar como os brasileiros se sentiam quanto ao futuro do país.

Para nosotros de Brasil todas las adecuaciones, todos los estudios, todas las soluciones para el problema agrario esbarran delante de la ignorancia. Hay además de esto, otro problema mucho más serio: lamentablemente con la sinceridad que orienta a nosotros, devo hablar de la incapacidad de nuestros hombres publicos. Nos sentimos impotentes ante una tremenda inversión de valores: las elites que dirigen nuestra nación no corresponden, a las elites culturales ni corresponden tampoco, a las ansias de nuestro pueblo. Para finalizar, digo que nosotros estamos amedrontados delante de el futuro do Brasil: estamos todos los brasileños al frente de una periculosa interrogación que nadie sabe, todavía, como ni cuando, ni por quien será respondida. (LIMA, 1064, p. 43)

À sua “intervenção”, conforme sua narração dá a entender, seguiu-se um embate com uma colega mexicana para quem “a educação pelo rádio estava resolvendo tudo” nos países latino-americanos. Zita não informou, no seu “Jornal”, se a discussão, após a colega mexicana ter discordado fortemente da sua “intervenção”, abordou com mais profundidade o papel dos meios de comunicação, em especial do rádio, para fazer frente à esta conjuntura brasileira. Escreveu apenas que outros seus companheiros de curso corroboraram o panorama que traçou, e não apenas para o Brasil como para outros países latinoamericanos.

Fiz uma intervenção em nome do Brasil. Tem uma mexicana, Lucila Flamand, que entrou forte contra mim, pois o problema agrário, comunicação coletiva, etc., não tem nada que ver com alfabetização”. Nicarágua, Venezuela, Peru, Colômbia e os dois brasileiros falaram me apoiando. Lênio entrou com Spevia, Amazônia, rodovias, ferrovias, sem eletrificação, falou em barcas que navegam 22 dias, etc., etc., pois a mexicana disse que a educação pelo rádio estava resolvendo tudo. (LIMA, 1964, p. 43)

A defesa do rádio regional

Mas esta compreensão de Zita acerca daquela conjuntura brasileira e da função dos meios de comunicação, sobretudo o radiofônico, para contribuir no seu enfrentamento, seria aprofundada pouco tempo depois. Isto quando, já de volta ao Brasil, elaborou os dois textos

para exposições em seminários e sobre os quais me ative mais para evidenciar posições da estudiosa quanto à situação do país e de seu rádio.

Em 1964, ainda bolsista do CIESPAL, demonstrou que já consolidava um pensamento sobre a centralidade das comunicações para a construção social da realidade de um povo e também de todos os povos do mundo em integração. E explicitou seus posicionamentos neste sentido alguns meses após, em 1965, ao apresentar a comunicação “Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio econômico das nações” ao “IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva”, organizado pelo mesmo CIESPAL no Rio de Janeiro.

Os meios de comunicação nos nossos dias exercem uma influência decisiva no desenvolvimento político, cultural, socioeconômico dos povos. Tudo de bom e de ruim, de construtivo e aniquilador que aconteça nos lugares próximos e distantes, a responsabilidade maior caberá à Imprensa. O aplauso ou a censura das ações humanas nos diversos setores de suas atividades, cabe, antes de mais nada, ao rádio, ao jornal, à televisão, ao cinema. Aos valores essenciais contidos na notícia se deve a assimilação e o contraste, a denotação e a conotação, a retenção e a submissão, a aceitação [...] das mensagens enviadas. [...] Isto se observa em todos países da área ocidental, e também nos países da área socialista. Pudemos observar in loco o que conseguiram os comunistas utilizando a propaganda. Conhecemos o empenho dos governos fortes em capturar os veículos de informação. Uma maior participação dos meios de divulgação contribuirá para assegurar melhores padrões de vida, criando um conjunto de condições sociais que permita ao homem desenvolver a sua personalidade; contribuirá para um melhor entendimento entre os povos porque proporciona uma aproximação e um conhecimento que desvendarão mistérios, dissiparão dúvidas e darão uma medida justa dos valores de cada nação. Uma maior comunicação revelará possibilidades financeiras, condições físicas e geográficas. O homem conhecerá o outro homem e compreenderá suas possibilidades e limitações. (LIMA, 1965, p. 4)

Zita evocou a “responsabilidade que cabe aos líderes de opinião, aos líderes do pensamento”, para ela a mídia e os seus profissionais. Com base nos seus olhares sobre a conjuntura comunicacional da efervescente década de 60, mostrou-se visionária quanto a como caminhava a humanidade rumo ao século 21 e a como este marcaria o mundo com profundas e graves crises. Ao projetar o futuro da sociedade mundial é que analisou não apenas as competências presentes dos meios como também antecipou a relevância basilar

que a cada dia mais adquirem. Essa centralidade sempre maior, hoje se dá em especial sob o impacto da convergência e das mais recentes novas tecnologias das comunicações, que ampliaram e continuam a expandir enormemente as possibilidades comunicativas e informativas.

O mundo vem apresentando cada dia, de uma maneira mais esmagadora, problemas físicos, psicológicos e emocionais. O século que se aproxima promete crises agudas. O mundo novo se nos apresenta inquieto e agustiado. [...] As gerações dos últimos revelam insegurança, ansiedade, medo. Um medo pungente do presente e do futuro. Em todo e qualquer tipo de pesquisa que temos conhecimento, desde a preferência por um produto de limpeza de pele até a indagação do “por que matou” nas celas das prisões; [...] desde a greve dos jornais de Nova Iorque até a greve dos gráficos de Recife, sempre, sempre [...] o povo se revela ansioso, expectante, amedrontado, vivendo em um mundo desconcertante e alucinado. Os meios de comunicação têm enormes possibilidades de criar um nível tolerável imediato e proceder uma mudança próxima e remota na estrutura sociológica. As comunicações devem ter seu volume aumentado e as mensagens devem ser mais cuidadosas e inteligentes, com uma motivação que vá de encontro aos anseios revelados através da psicologia das massas. “As relações serão mais fáceis, quanto mais eficazes forem as comunicações”. (LIMA, 1965, p. 5-6)

A comunicação era de uma pesquisadora estrepante. Porém, os dados que apresentou, comparou e analisou oferecem, ainda hoje, um diagnóstico bastante apurado do cenário midiático da época e acima de tudo do panorama radiofônico. Mais ainda: pernambucana preocupada com o seu sofrido Nordeste, fez questão de também particularizar para traçar a situação da sua região e pedir por uma solução para seus graves problemas. Justificou seu destaque por se tratar de uma “região que equivale a uma nação, por suas características históricas, geográficas e sociais e por seu atual estágio de desenvolvido econômico”. Tentar resolver as penosas condições do Nordeste era imperativo para Zita. Do contrário, conforme ela, jamais poderíamos ser reconhecidos como uma “nação desenvolvida, como nação civilizada”. (LIMA, 1965, p. 9)

“O Nordeste é uma das áreas mais subdesenvolvidas do mundo atual. O Nordeste não precisa de condições para viver. Precisa de condições para sobreviver”, alertou na sua exposição para, a seguir, cobrar a responsabilidade da mídia: “todavia, a imprensa, com as possibilidades e os recursos de que dispõe poderia fazer muito mais para diminuir as dores do crescimento que o Nordeste está sentindo”. (LIMA, 1965, p. 9) Com base em resultados de pesquisas e estudos nos quais estava envolvida, Zita não tinha dúvidas que o rádio era, naqueles históricos anos 60 e 70, o meio com maior capacidade de responder às

necessidades de comunicação do povo nordestino. Mostrou-se certa, também, nos motivos deste potencial que reconhecia no rádio, mesmo que o veículo estivesse, então, perdendo ou disputando público com a nova mídia televisão. Zita sabia e, mais que isso, buscava demonstrar porque o rádio não poderia silenciar para as populações daquela área.

[...] na região nordestina, o meio de comunicação mais eficiente é o rádio. No momento presente estamos realizando uma pesquisa sobre o meio de comunicação mais próximo do povo. Os resultados até agora obtidos revelam ser o rádio. “Comprar jornal? Para que? Precisa saber ler. Precisa parar o trabalho para olhar os escritos. Televisão? Coisa rico”. Somente o rádio poderá mudar o aspecto feudal encontrado em alguns modelos culturais do Nordeste. Regiões que se isolam atrás de barreiras quase intransponíveis. Nas regiões onde o rádio penetra, podemos dar um testemunho de suas possibilidades com um acontecimento verificado no governo passado: os radialistas do Recife entraram em greve. Os trabalhadores da zona da cana de açúcar, zona rural mais politizada, todos com transistores, reuniram-se no seu sindicato, na cidade de Palmares, e se dispunham a marchar sobre a capital, a fim de esclarecer o motivo daquele silêncio e hipotecaram solidariedade aos seus líderes que julgavam ameaçadas. Emissários oficiais foram então ao encontro dos camponeses para tranquilizá-los. (LIMA, 1965, p. 10-11)

Principalmente nos grandes centros do “sul e sudeste maravilha”, como naquele tempo costumava-se referir estas regiões do Brasil em relação às demais, o rádio, na busca de escapar da decadência e obsolescência, após passar pela fase de mero “vitrolão”, incrementa o jornalismo, investindo na reportagem, na especialização e na segmentação. Isto tudo, mesmo sob a ditadura. Com as políticas desenvolvimentistas dos governos ditatoriais, aplicadas, entre outras ações, por meio da expansão das comunicações no país, muitas novas emissoras foram inauguradas e outras tantas remodeladas. Porém, este mapa expansionista realmente foi desigual em relação aos interiores do país, como reclamava Zita, da mesma forma que alertava para o desequilíbrio quanto ao volume de notícias de cada região e à circulação dos jornais. Segundo ela, no Sul e até mesmo no próprio Nordeste, o volume de informações sobre Nordeste era “ínfimo”. Isto se comparado com o de informações referentes ao centro sul e inclusive o de notícias internacionais. Afirmou: “o Nordeste é desconhecido dos próprios nordestinos”. (LIMA, 1965, p. 12)

Para sustentar suas reflexões, Zita não descuidava de apresentar os dados comprobatórios.

Os meios de comunicação intelectualiva também apresentam diferenças entre as 5 regiões geo-econômicas do Brasil: as revistas e os jornais do sul penetram em todo o país e dificultam uma maior expansão dos órgãos regionais. Isto não ocorre com o rádio, considerado artigo de primeira necessidade, em qualquer nível social e em qualquer ambiente, e com a proliferação das estações transmissoras. (LIMA, 1965, p. 8)

Ancorada nestes diagnósticos agudos e também no seu entendimento expresso de que “uma das funções dos jornalistas é perscrutar o futuro, sugerir soluções com embasamento em uma cultura adquirida nas universidades”, Zita encerrou sua exposição fazendo recomendações de como resolver conjuntura tão pungente. E começou por indicar exatamente o que as Escolas de Jornalismo e as entidades profissionais tinham o dever de realizar. Recomendou que procedessem “a planificação de programas de trabalho visando a uma maior eficiência dos veículos de comunicação, no atendimento às aspirações coletivas, no sentido de serem cada dia melhor informadas ‘para superar os conflitos derivados do desconhecimento’. Apontou a necessidade de instalação de sucursais e agências de informação regional, “para divulgação das potencialidades e riquezas de cada zona geoeconômica, com o objetivo de estabelecer o equilíbrio social”.

Ressaltando e compreendendo uma das principais características do rádio, acentuada justamente como forma de permanência ao final de sua Era de Ouro – a de meio regional, local – e os benefícios de formação de redes desde que respeitadas essas propriedades, defendeu o estabelecimento de cadeia das emissoras. Mas de “uma cadeia de rádio regional, com programas difundindo os valores locais, pois assim seria promovido o desenvolvimento cultural necessário ao desenvolvimento social, econômico e pessoal, quaisquer que sejam os critérios de bem estar social. (LIMA, 1965, p. 13)

Para transformar o fazer radiofônico

Essa percepção de que o rádio precisava, naquela época, assumir e efetivamente funcionar na perspectiva de ser regional e local, Zita voltou declarar em artigos, palestras e outras produções que se seguiram à exposição de 1965. Anos depois, em 1971, ao participar e falar no I Congresso Nacional de Comunicação, na ABI, colocou o rádio “numa situação de decadência” e reclamou que o veículo não tinha “qualquer participação de importância no processo desenvolvimentista em que se acha empenhado o país”. Foi além nas suas

proposições para melhorar esse panorama radiofônico e ao mesmo tempo, também o quadro dramático das regiões interioranas do país.

Afora a necessidade de incorporação do rádio ao desenvolvimentismo dos então governos militares, que tinha entre seus principais instrumentos a expansão das comunicações e a integração nacional, Zita aprofundou com recomendações para modificar até mesmo os modos de fazer jornalismo radiofônico. Para a estudiosa, aquela altura já reconhecida na área, eram transformações exigidas do rádio inclusive por uma “questão de sobrevivência”. Propôs “reformulação dos métodos de trabalho, uma mudança radical na linguagem, no estilo e no conteúdo das mensagens, especialmente no campo da informação, ou seja, no campo do radiojornalismo”.

Nesse texto, Zita também volta a ressaltar sua recorrente preocupação com a formação do radiojornalista, na sua concepção uma das ações fundamentais para a implementação das mudanças que defendia para a radiodifusão nacional.

Esta reformulação deve começar nas Escolas com vistas ao suporte científico, ao preparo de radiojornalistas, com a adoção de um grupo de disciplinas instrumentais próprias, além das teorias e práticas introdutórias ao exercício da profissão, tais como: a) fisiologia do som e da palavra[...]; b) sociologia do som e da palavra, onde seriam estudados os métodos e técnicas de pesquisa de opinião sobre os efeitos dos diferentes tipos de programas oferecidos; c) os aspectos psicoativos e dinâmicos da arte de falar, estilo, normas, técnicas, suas aplicações às atividades de comunicação de hoje. Dominando estes aspectos da FALA o comunicador enviaria suas mensagens enriquecidas com inflexões e ritmos e nuances que multiplicariam, muitas vezes seu poder de persuasão e conheceria os sotaques, os usos e o vocabulário dos diversos recantos do país, pois o comunicador pode servir a populações distantes e diversificadas. (LIMA, 1971, p. 148)

As empresas detentoras das concessões das emissoras também foram chamadas à ação por Zita. As suas recomendações referiram-se à atuação do rádio no geral, mas mais uma vez enfatizando a sua grande preocupação com o atendimento às necessidades de levar informação, conhecimento às populações do interior. Conforme ela, para atender como devem as audiências, os concessionários precisariam realizar “pesquisas de audiência, identificando seus ouvintes e analisando suas necessidades – sejam culturais, sociais, econômicas, políticas [...]”.

O rádio precisa se conscientizar de que hoje deve ser, especialmente, rádio-serviço, rádio-informação.[...] No momento é preciso dar uma importância maior à situação das populações do interior, inclusive, e sobretudo, aos 60% onde não chega energia elétrica. Estas comunidades integradas na nação graças ao rádio, e ao rádio transistorizado, têm somente este veículo de ligação com o mundo; somente o rádio quebra o bloqueio, que o isolacionismo [...]. Que se produza um rádio, que se produzam programas para estas comunidades, que se faça um rádio regional, utilizando todos os recursos que o rádio oferece, [...] a cultura espontânea de cada região, [...] para que não sejamos acusados, os responsáveis pelo rádio no Brasil, de que 50% da população brasileira não recebe informação. A regionalização do rádio, no Brasil, é uma imposição do complexo sócio-cultural do homem brasileiro, em fase de transição de uma estrutura tradicional para uma sociedade moderna. (LIMA, 1971, p. 149)

Das suas produções da época de metade dos anos 60 ao início dos 70, nessa apresentada ao I Congresso Nacional de Comunicação, na ABI, mesmo que tenha sido a menor, foi onde Zita expressou mais claramente como analisava a conjuntura e o rádio daquele tempo. Transpareceu ter percebido que os avanços tecnológicos de então facilitavam e empoderavam o meio radiofônico em todos seus aspectos, da produção, transmissão, até inclusive à recepção. Especialmente características do rádio reforçadas com o advento do transistor, como a mobilidade e o amplo alcance geográfico e de público, entre outras, foram bem entendidas e argumentadas por Zita.

Também deu a entender que identificou, nas políticas desenvolvimentistas da ditadura, formas de o rádio garantir sua permanência, aproveitando para se expandir em quantidade de emissoras. E isto principalmente para atender regiões isoladas da informação e comunicação pelas dificuldades de acesso, pela falta de suportes estruturais, pelo analfabetismo, pela miséria a que estavam submetidas. Evidenciou que, na sua concepção, era o momento de o rádio resolver o desafio de ser, concomitantemente, global e local.

Este rádio regional realmente poderá contribuir para uma modificação de comportamento, para a aplicação a curto prazo, de planos de desenvolvimento, difundindo ao lado de notícias de interesse nacional e internacional, a nossa música, conselhos de higiene, métodos de trabalho. [...] A política nacional de radiodifusão, considerando ser o rádio o veículo mais adequado à criação e fortalecimento de um verdadeiro e profundo espírito desenvolvimentista e, ao mesmo tempo, pela sua linguagem e acessibilidade, dotado de incomparável força estimulante de ação individual e coletiva, cabe indicar ao Estado e às forças de produção, as linhas mestras de um movimento conjunto, visando o estabelecimento

de condições compatíveis com a missão educativa e progressista que o rádio brasileiro está chamado a desempenhar. (LIMA, 1971, p. 149).

Apesar de breves e debruçadas sobre apenas algumas das produções da pesquisadora, essas leituras e reflexões das análises de conjuntura de Zita para um tempo do Brasil e seu rádio, tão marcado historicamente, permitem também concluir que ela cumpriu sua própria previsão, feita quando ainda bolsista e iniciando sua trajetória de estudiosa pioneira: a “chimbica” virou mesmo “cobra”.

Bibliografia

LIMA, Maria José de Andrade. **Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio econômico das nações.** Comunicação apresentada ao IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva. Rio de Janeiro: ABI; CIESPAL, 1965.

LIMA, Zita de Andrade. **Jornal de uma Bolsista do CIESPAL.** Revista Comunicações & Problemas. Recife, 1966.

_____. **O Rádio no Brasil.** Comunicação apresentada ao I Congresso Nacional de Comunicação. Rio de Janeiro: ABI, 1971.

ZUCULOTO, Valci; LONGO, Guilherme. **As rádios públicas brasileiras e o Golpe de 64: principais estações e seus contextos históricos no período de instauração da ditadura.** In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 14, GP de Rádio e Mídia Sonora, 2014. *Anais...* Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.